

**INTERVENÇÃO DE MIGUEL SOUSA, DG DA SAINT-GOBAIN
SEKURIT PORTUGAL, NA AUDIÇÃO PARLAMENTAR DE
14 DE OUTUBRO DE 2021**

Exmo. Senhor Presidente da Comissão de Trabalho e Segurança Social da Assembleia da República,

Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,

Em primeiro lugar, depois de cumprimentar o senhor presidente e as Senhoras Deputadas e os Senhores Deputados desta comissão e também da Comissão Parlamentar de Economia, cumpre-me agradecer o convite para virmos a esta Casa da Democracia prestar os esclarecimentos que temos o dever de prestar sobre o encerramento da atividade produtiva da Saint-Gobain Sekurit Portugal, que motivou o despedimento coletivo de cerca de 130 dos seus trabalhadores.

Tenho trinta anos de trabalho no Grupo Saint-Gobain e esta decisão foi muito dolorosa para mim e para todos os quadros da empresa. E acreditem, Senhoras Deputadas e Senhores Deputados, que se houvesse alguma possibilidade de a empresa ter continuado em laboração, mesmo sem lucros, assim teria sido. E o Grupo Saint-Gobain teria adotado esse caminho, sem hesitar, se houvesse possibilidades de recuperação. Mas essa não foi nem é a realidade, infelizmente, como espero poder demonstrar.

Devo dizer que fizemos tudo o que era possível para salvar a empresa e sou testemunha direta dos esforços do Grupo Saint-Gobain para evitar este desfecho.

Antes de explicar o enquadramento desta decisão, difícil e ponderada, deixem-me dizer que eu próprio e o diretor de recursos humanos da empresa, o Dr. José Ferreira, que aqui está comigo, somos afetados exatamente como todos os outros trabalhadores da empresa.

Vou tentar, nesta primeira intervenção, dar resposta a todas as questões que têm sido suscitadas nos media pelos mais diversos intervenientes, algumas das quais, de resto, assentam em equívocos e inexatidões, que é importante esclarecer previamente.

Desde logo, há duas situações que têm estado na base da argumentação de algumas das entidades que têm intervindo neste tema e que importa clarificar.

O primeiro dos equívocos é que a Saint-Gobain Sekurit Portugal fabricava vidro

automóvel. Não é verdade. Desde 2009 que a empresa apenas transforma vidro para o setor automóvel e acrescenta algum valor, pré-montagens (aplicação de perfis e sensores, por exemplo). O vidro para os clientes OEM, como é o caso da VW AutoEuropa, é importado, não sendo, assim, no todo ou em parte, fabricado em Portugal. E não é fabricado em Portugal porque não temos competitividade, isto é, não conseguimos fabricar vidro com custos adequados, a que possamos vender, principalmente ao setor automóvel.

O segundo equívoco é que a empresa recebeu incentivos e fundos públicos e apesar disso acaba com a sua atividade produtiva. Também não é verdade. Não é de facto exato que a Saint-Gobain Sekurit Portugal tenha, na última década, recebido quaisquer fundos ou ajudas públicas, sejam nacionais ou comunitárias, para reestruturação, ajudas à produção ou quaisquer outros fins.

A única ajuda que a SGSP recebeu em 2020, foi indireta, no âmbito do lay off devido à pandemia, no valor de 343.496 €, quantia correspondente a cerca de 70% dos salários dos trabalhadores e que obviamente foi paga aos trabalhadores. Por forma a que os trabalhadores não tivessem diminuição de rendimentos durante esse período de lay off a empresa completou a 100% o salário de todos os trabalhadores.

Os cerca de 1,5 milhões de euros de fundos comunitários referidos por algumas pessoas e difundidos na comunicação social, dirão respeito ao valor global de projetos de investigação e desenvolvimento de consórcios com instituições de ensino superior da Weber Saint-Gobain, uma empresa do Grupo Saint-Gobain, mas que não tem ligação direta com a SGSP. Desses montantes de investimento, os consórcios em causa deverão apenas receber apoios financeiros no montante máximo de cerca de 500 mil euros, até 2023, tendo até esta data recebido um valor muitíssimo inferior.

Feitos estes esclarecimentos prévios, vamos agora aos factos relacionados com o processo de encerramento da atividade produtiva.

A decisão foi tomada no final de julho, mas tinha vindo a ser ponderada desde há vários meses, na sequência das grandes dificuldades enfrentadas pela empresa nos últimos 15 anos.

Os resultados negativos tornaram-se mais acentuados desde o exercício de 2018, tendo a empresa registado em 2019 um decréscimo do volume de negócios de 18%, correspondente a uma quebra de 10 milhões de euros, que se acentuou em 2020 com uma diminuição de 37%, cerca de menos 17 milhões de euros.

A tendência de crescimento a nível de produção e vendas de veículos iniciada depois da recessão de 2012 foi fortemente afetada durante o ano de 2020 (ano da pandemia) e a recuperação nem de longe está a ser a que se esperava nesta altura.

Este facto agrava-se muito particularmente no Sul da Europa, balanceando as marcas a sua produção para os países da Europa oriental, com custos claramente inferiores.

Outro fator negativo para a continuidade da Sekurit Portugal foi a deslocalização da Renault e da PSA da Península Ibérica para Marrocos, com a consequente instalação de fornecedores junto destas novas unidades de fabrico de automóveis.

O perímetro do negócio a que pertencia a Sekurit Portugal (Espanha, Portugal e Marrocos) em especial no seu produto principal, os para-brisas, sofrem desde há alguns anos uma importante baixa de preço que já não é possível compensar com melhorias produtivas anuais. Em grande parte, esta situação foi provocada pela instalação dum novo produtor, AGC, e a chegada de um novo competidor chinês, Fuyao, o que levou a um excesso da capacidade instalada.

Com a pandemia, a situação agravou-se devido à retração do setor automóvel, o nosso Cliente, e este ano, comparativamente ao ano anterior, não trouxe quaisquer melhorias nesse aspeto e obrigou ao encerramento da empresa.

Só nos últimos três anos, entre 2018 e 2020, a empresa acumulou prejuízos de 8,5 milhões de euros. E este ano, em 2021, até setembro a empresa teve prejuízos de 3,1 milhões de euros.

O principal motivo para o encerramento da empresa é a sua falta de rentabilidade e autonomia financeira e a incapacidade de recuperar desta situação, face às circunstâncias do setor a nível internacional.

Ano após ano, o volume de negócios gerado não chega para suportar os custos operacionais.

Isto está relacionado com a falta de competitividade que a empresa tem face aos seus concorrentes, quer empresas internas do Grupo quer outras externas ao Grupo, que conseguem oferecer ao mercado produtos a custos mais baixos para os seus clientes.

Ainda assim, em 2019, foram desenvolvidos esforços entre a administração da Saint-Gobain Sekurit Portugal e o Grupo, com a colaboração dos trabalhadores, para alocar

à fábrica a produção de um novo produto direcionado a um nicho de mercado do setor automóvel (mercado de vidro de reposição), com maior margem e rentabilidade, que poderia ajudar a empresa a recuperar os maus resultados.

Porém, com a pandemia e a quebra no setor automóvel, o investimento nesta nova área de produção deixou de ser rentável e a concretizar-se, iria agravar ainda mais a situação da empresa. Dadas as circunstâncias atuais, não é expectável que este cenário possa ser invertido no curto ou médio prazo.

A pandemia, que fique claro, não foi a causa direta do encerramento da atividade produtiva da empresa, mas veio de facto agravar a sua frágil situação económica, pois complicou a crise no setor automóvel, uma vez que contribuiu para a retração do mercado. No caso da Saint-Gobain Sekurit Portugal obrigou ao layoff, entre março e junho de 2020.

O Grupo Saint-Gobain tem financiado a Saint-Gobain Sekurit Portugal ao longo dos últimos anos, face à baixa autonomia financeira da empresa, que se tem vindo a agravar.

Para que não restem dúvidas: se não tem sido esse apoio a empresa teria fechado antes!

Estando a empresa integrada num grupo, para financiar a Saint-Gobain Sekurit Portugal as restantes empresas do Grupo são afetadas. Se mantivesse a empresa nestas condições, e não havendo perspectivas de recuperação do mercado automóvel e de melhoria da competitividade da empresa, o Grupo estaria potencialmente a prejudicar também outras empresas do seu universo.

Senhor Presidente, Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,

Algumas pessoas e entidades têm argumentado que o Grupo Saint-Gobain anunciou em agosto que obteve um lucro da sua operação global de 1.298 milhões de euros no primeiro semestre deste ano e que isso seria suficiente para suportar os prejuízos da Saint-Gobain Sekurit Portugal até o mercado automóvel recuperar.

É importante notar que o Grupo Saint-Gobain atua em diversas áreas de negócio e em muitas geografias. E é um grupo que aposta em setores com potencial e empresas

rentáveis e que procura gerir bem os seus ativos. Mas também proporciona condições para as empresas pontualmente não rentáveis recuperarem, quando estão em sectores viáveis. Foi isso que fez com a SGSP, ao financiar a sua atividade e suportar os seus prejuízos durante mais de três anos, mas de facto a empresa está num setor com um futuro muito incerto.

A área do vidro automóvel, como já expliquei, é uma área crítica em todo o mundo, devido à retração do mercado automóvel, em consequência da pandemia e da subsequente alteração dos hábitos de consumo. E não se prevê que recupere tão depressa. Acresce que, como se explicou também, os custos da produção em Portugal na Sekurit são muito elevados, o que é um problema estrutural, que dificilmente se inverterá.

Ou seja, os prejuízos da exploração da SGSP eram crónicos e irrecuperáveis. Encerrar a produção em Portugal foi a melhor forma de proteger as centenas de trabalhadores das outras atividades do Grupo em Portugal, nas quais continuamos a investir.

Por exemplo, recentemente, o Grupo iniciou, na Maia, a construção de raiz de uma nova fábrica para a Saint-Gobain Abrasivos, com 9.000 metros quadrados, dedicada à produção de abrasivos para acabamento superficial de todo o tipo de materiais, resultante de um investimento de 5,3 milhões de euros.

Também na unidade de produção da Saint-Gobain Glassolutions Portugal, em Santo Tirso, foi levado a cabo um investimento de 1,35 milhões de euros, com vista à atualização do parque industrial e do forno para transformação de vidro, que permitiu um aumento da capacidade produtiva para 12 mil metros quadrados por mês, da qualidade do produto final e a produção de novos formatos.

Neste quadro, queria deixar bem claro, mais uma vez, que o encerramento da fábrica da Saint-Gobain Sekurit Portugal está única e exclusivamente relacionado com a sua falta de rentabilidade.

Todos os indicadores financeiros da empresa são negativos, como as Senhoras Deputadas e os Senhores Deputados podem verificar no estudo económico que sustentou tecnicamente a decisão de encerramento e que pedimos que vos fosse distribuído.

Face às restantes empresas do Grupo suas concorrentes, a Saint-Gobain Sekurit

Portugal não é competitiva no mercado atual, uma vez que os seus custos são superiores em 30% face ao melhor custo de referência, incluindo os gastos de transporte.

Por isso chegámos à decisão difícil, mas inevitável, de ter de encerrar a atividade produtiva da empresa, ficando apenas com um armazém para garantir o fornecimento de produto à VW AutoEuropa, que já era importado.

Quando foi tomada a decisão de cessar a atividade produtiva, foi fechada a fábrica, por razões de segurança e bem-estar dos trabalhadores, pois estamos a falar de produtos sensíveis e de uma natural instabilidade emocional, que poderia suscitar situações complicadas. Participámos esta decisão à Comissão de Trabalhadores, que a aceitou, compreendendo que não havia encomendas e tendo em conta que os trabalhadores não perderam qualquer direito.

Como lhe competia, a empresa cumpriu escrupulosamente a lei no que respeita ao processo do despedimento coletivo, como foi reconhecido pela Direção Geral do Emprego e Relações de Trabalho (DGERT) e está expresso nas atas das reuniões de informação e negociação. Aliás, a empresa não só cumpriu a lei como fui muito mais além, designadamente ao nível das compensações aos trabalhadores, como explicarei à frente.

A partir desse momento, a nossa principal preocupação foi conseguir assegurar, primeiro, alternativas de trabalho e, depois, as melhores compensações possíveis aos trabalhadores, por uma questão de justiça e de responsabilidade social do Grupo Saint-Gobain.

Sei e sabemos que dinheiro nenhum paga um posto de trabalho, mas quando não é possível manter esse posto de trabalho, é fundamental garantir a melhor compensação possível a quem o perde, para minimizar os impactos negativos.

Assim, a SGSP assegurou aos trabalhadores uma compensação financeira 100% acima do valor da indemnização legal de cada trabalhador, ou seja, o dobro do valor legal. A empresa também vai suportar um seguro de saúde, vida e acidentes pessoais dos trabalhadores durante um ano e oferece os serviços de apoio à colocação (outplacement) durante seis meses – foi esta a última proposta apresentada e é esta a proposta final que consta nas atas das reuniões de informação e negociação realizadas com Comissão de trabalhadores e com a presença da DGERT.

Está também garantido o apoio à recolocação dos trabalhadores, através de uma consultora especializada, tendo já sido apresentadas propostas concretas de

recolocação de cerca de uma centena de trabalhadores da empresa. Estão em cima da mesa 36 postos de trabalho nas empresas do Grupo Saint-Gobain em Portugal, 51 em empresas independentes da região de Lisboa e 10 em empresas do Grupo Saint-Gobain em Espanha, num total de 97 postos de trabalho concretos. Isto para além dos seis trabalhadores que é possível manter no armazém a instalar em Palmela.

Foram também consideradas indemnizações por falta de aviso prévio para rescisão de contratos das empresas subcontratadas, tendo já sido concluídas as negociações, com acordo escrito e assinado com todas as empresas fornecedoras.

São, estamos seguros disso, compensações justas e equilibradas. E temos pena, apesar de compreendermos a sua posição, que não tenha sido conseguida uma melhor e mais participada negociação com os sindicatos e representantes dos trabalhadores.

Gostaria, para terminar, de garantir que não há qualquer risco de esta situação alastrar às outras empresas do Grupo Saint-Gobain em Portugal.

Estamos a proceder ao encerramento da unidade de produção da Saint-Gobain Sekurit Portugal precisamente para evitar a contaminação a outras empresas e áreas do Grupo, que em Portugal atuam em setores diferentes e são competitivas nos seus mercados.

Posto isto, Senhor Presidente, Senhoras Deputadas e Senhores Deputados, agradeço mais uma vez a oportunidade de termos apresentado estes esclarecimentos e estou à disposição para esclarecer as dúvidas que eventualmente possam ter subsistido.

Lisboa, 14 de outubro de 2021

Miguel Sousa
Diretor-geral da Saint Gobain Sekurit Portugal